

Quaghebeur, Marc

(1947-)



Paul Aron resume de forma clara a formação e o percurso académicos de Marc Quaghebeur – escritor, poeta, crítico e ensaísta belga de língua francesa, e um dos principais mentores da chamada “belgitude” (movimento de reivindicação identitária e cultural que a Bélgica conheceu na viragem dos anos oitenta): “(...) en mobilisant un savoir universitaire nourri par les leçons de Sartre et de la psychanalyse (...), il plaide pour que l’on inscrive les auteurs belges dans les réalités de l’histoire nationale y compris ceux qui, parmi eux, dénie toute efficacité à cette inscription” (Pós-fácio a *Balises*, 412).

Com efeito, a partir da tese de doutoramento **L’Œuvre nommée Rimbaud**, Marc Quaghebeur foi desenvolvendo um sentido agudo das exigências da modernidade estética, das implicações linguísticas na criação e no imaginário literários, bem como da inevitável contextualização histórica da obra literária francófona produzida fora do contexto francês.

A conjugação destes enfoques numa altura em que é publicado em Paris o manifesto “Une autre Belgique” na revista *Les Nouvelles Littéraires* (1976), levou-o espontaneamente a considerar a especificidade do corpus literário belga de língua francesa numa perspetiva periférica, fora da grelha de leitura hexagonal, marcada pela aceção romântica e nacional da literatura e da História.

Marc Quaghebeur desenvolverá estas ideias e intuições teóricas em dois ensaios centrais: *Balises pour l’histoire des lettres belges* (1998) e *Lettres belges. Entre absence et magie* (1990), assim como em inúmeros artigos críticos, incontornáveis para a abordagem da literatura belga francófona, como por exemplo “Littérature et fonctionnement idéologique en Belgique francophone”, publicado em 1980 no número memorável da revista da ULB, *La Belgique malgré tout*.

Casado com a docente universitária, investigadora e tradutora portuguesa radicada na

Quaghebeur, Marc

Bélgica, Leonor Lourenço de Abreu, Marc Quaghebeur foi tecendo intensíssimas relações culturais e afetivas com Portugal. Por um lado, a preocupação com a inscrição histórica da literatura, – plasmada também na sua escrita poética, nomeadamente ao remeter o horizonte referencial dos poemas e dos romances para uma época em que os Países Baixos meridionais e Portugal se encontravam sob a mesma tutela imperial castelhana –, acentua subtilmente uma afinidade e aponta para uma leitura temática e crítica comparatista.

Atente-se, aliás, no longo poema *La Nuit de Yuste* (1999) em que o narrador revisita num tom intimista os últimos dias de Carlos V após o seu retiro no mosteiro espanhol de Yuste, na altura em que abdicou a favor de seu filho Filipe II. Note-se que o imperador casara com D. Isabel de Portugal: “Que de fois on y détourna mes ordonnances! Et c’est le Portugal qui tint les mailles des grandes eaux, lointain jamais fondé. C’est Lui qui emporta l’Orient. Gloires et déboires” (idem: 49).

Na produção crítica de Marc Quaghebeur – que, entretanto, tem orientado várias dissertações de doutoramento em literatura belga francófona no nosso país – destaca-se um estudo exaustivo e diacrónico sobre a presença temática de Portugal na literatura belga de língua francesa: “Présences du Portugal dans les lettres belges de langue française” (2002).

Refira-se também que Marc Quaghebeur, enquanto responsável pelo Archives et Musée de la Littérature (Bruxelas) e diretor de várias coleções editoriais, foi o promotor da criação de inúmeros centros de estudo e divulgação da literatura belga de língua francesa na Europa, nomeadamente o Centro de Estudos Belgas da Universidade de Coimbra (CELBUC). Deve mencionar-se também as suas inúmeras participações enquanto conferencista convidado em vários encontros científicos organizados em Portugal.

Citações

Dès le XVI^e siècle, la France choisit de n’opter ni pour Rome ni pour la Réforme, mais pour elle-même. Elle se veut gallicane. Parallèlement à la centralisation moderne de l’État, elle (...)

Quaghebeur, Marc

applique au monde une vision rationnelle et analytique (...). Celle-ci aboutit à la Révolution. Rien de tout cela n'a baigné les provinces qui forment aujourd'hui la Belgique. Les mentalités qui y prévalurent ont d'autres racines. (Quaghebeur, 1990: 18)

(...) la majorité des francophones de Belgique ne poss[èdent] aucune conscience d'un patrimoine littéraire qui leur serait propre. (Quaghebeur, 1998: 9)

Dans le corpus des lettres belges de langue française, l'image du Portugal ne revêt pas la même importance que celles de l'Espagne, de l'Italie, de la France ou de l'Allemagne. Jamais, en effet, elle n'y est devenue un mythe collectif, comparable au mythe fondateur de l'Espagne noire, mythe qui va de pair avec celui des Gueux et du Pays de Cocagne (...) Tout cela n'empêche pas l'une ou l'autre image du Portugal, voire le Portugal, d'occuper chez tel ou tel(le) auteur une place extrêmement significative. (Quaghebeur, 2002: 127)

Bibliografia Ativa Seleccionada

Ensaio

Lettres belges. Entre absence et magie (1990), Bruxelles, Labor.

Un pays d'irréguliers (1990), Bruxelles, Labor.

Vivre à la mort, parler, n'être rien, être personne. Une lecture de «Oui» de Thomas Bernhard (1990), Arles, Actes Sud.

Belgique : la première des littératures francophones non françaises (1993), Copenhague, Akademisk forlag.

Balises pour l'histoire des lettres belges (1998), Bruxelles, Labor.

Anthologie de la littérature française de Belgique : entre réel et surréel (2006), Bruxelles, Racine.

Artigos

"Littérature et fonctionnement idéologique en Belgique francophone" (1980), *La Belgique malgré tout*, Revue de l'Université de Bruxelles, numéro composé par Jacques Sojcher.

Quaghebeur, Marc

“Et si nous cessions d’hypostasier la langue ?” (1998), *Belgique toujours grande et belle*, Revue de l’Université de Bruxelles, Ed. Complexe, numéro composé par Antoine Pickels et Jacques Sojcher.

“Présences du Portugal dans les lettres belges de langue française”, *Portugal e o Outro: uma relação assimétrica?*, Aveiro, U. Aveiro, 2002.

Poesia

Forclaz (1976), Paris, P-J. Oswald.

Le Cycle de la morte. 1. L’Herbe seule (1979), Lausanne, L’Âge d’homme.

Le Cycle de la morte. 2. Chiennelures (1983), Saint Clément de Rivière, Fata Morgana.

Le Cycle de la morte. 3. L’Outrage (1897), Saint Clément de Rivière, Fata Morgana.

Le Cycle de la morte. 4. Oiseaux (1989), Bruxelles, Jacques Antoine éditeur.

Le Cycle de la morte. 5. À la morte (1990), Saint Clément de Rivière, Fata Morgana.

Les Vieilles (1991), Liège, Toulouse, Tétras Lyre.

Les Carmes du Saulchoir (1993), Toulouse, L’Ether vague.

Fins de siècle (1994), Amay, La Maison de la poésie d’Amay.

L’Effroi l’errance (1994), Toulouse, Tétras Lyre.

La Nuit de Yuste (1999), Bruxelles, Le Cormier.

Clairs obscurs: petites proses (2006), Cognac, Le Temps qu’il fait.

Les Grands Masques (2012), Waterloo, La Renaissance du livre.

Bibliografia Crítica Seleccionada

GRAWEZ, Damien, “Littérature et conceptions historiographiques en Belgique francophone” (1995), *Textyles*, n° 13, Lettres du jour (I).

ALMEIDA, José Domingues de Almeida, *Auteurs inavoués, belges inavouables. La fiction, l’autofiction et la fiction de la Belgique dans l’oeuvre romanesque de Conrad Detrez, Eugène Savitzkaya et Jean-Claude Pirotte. Une triple mitoyenneté*, thèse de doctorat, inédite, Porto, FLUP, 2004.

Quaghebeur, Marc

José Domingues de Almeida (2015/05/01)